



Narrativas sensíveis: design como expressão da identidade nipo-brasileira.

Alice Aiko Furuta Shimizu;¹

Isabella Pontello Bahia.²

Resumo:

O presente artigo compreende a apresentação dos resultados parciais de um trabalho de conclusão de curso em design de ambientes que propõe, a partir do design, uma investigação sobre atributos e sensações da ancestralidade japonesa na comunidade nipo-brasileira. A pesquisa, que partiu do contexto histórico da imigração japonesa no Brasil, buscou compreender como o desdobramento social, político, econômico e as reconfigurações culturais influenciaram na construção da identidade das gerações *nikkeis*. A fundamentação teórica analisou o papel do design como transmissor de sentimentos no espaço e tempo. Isso posto, a metodologia se ancorou em uma abordagem qualitativa sustentada no método dialético com a coleta de dados a partir da pesquisa bibliográfica, documental e análise de obras análogas. Somou-se a isto o emprego da história oral, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas. Como resultados tem-se reflexões sobre o papel do design como potencial agente de valorização cultural e um esboço de como as narrativas sensíveis, que permeiam a comunidade, podem ser simbolizadas em espaços cenográficos.

Palavras-chave:

Design de Ambientes; identidade nipo-brasileira; narrativas sensíveis; exposição cenográfica.

¹Acadêmica do Curso de Design de Ambientes, Discente da UEMG, Unidade Escola de Design, alice.019755@discente.uemg.br

² Doutora em Design, Orientadora Docente da UEMG, Unidade Escola de Design, isabella.bahia@uemg.br.



1. Introdução

O que nos faz pertencer a um lugar? Como um ambiente pode comunicar sentimentos silenciados? Este trabalho nasceu da necessidade de comunicar imbróglis da comunidade nipo-brasileira por meio do design de ambientes. Compreendendo não apenas a ancestralidade japonesa no Brasil com base na história, mas sentindo e criando modos de evidenciar as entrelinhas e as entranhas dessa imensa trajetória a partir de narrativas sensíveis de nipo-brasileiros. Assim, este artigo propõe uma leitura poética e crítica da identidade nipo-brasileira a partir do campo do design de ambientes que dialoga com a memória, estética e o sentimento. Afinal, crê-se no êxito ao utilizar da sensibilidade do design como transmissor das emoções profundas que permeiam as vivências e memórias dos *nikkeis*³.

A experiência pessoal de crescer como descendente de japoneses em Belo Horizonte, em meio à escassez de referências culturais, reflete uma realidade compartilhada por muitos *nikkeis* no Brasil, país que abriga a maior comunidade japonesa fora do Japão (segundo dados da Embaixada Japonesa⁴, são aproximadamente 2,7 milhões de descendentes de japoneses no país). Ainda assim, a presença dessa comunidade muitas vezes é reduzida a estereótipos superficiais. Desde a imigração, a fusão cultural gerou identidades confusas e, muitas vezes, silenciadas, revelando um apagamento histórico e emocional. Nesse contexto, a pesquisa se justifica pela escassez de estudos em design de ambientes que abordam a identidade nipo-brasileira. Durante o levantamento bibliográfico, observou-se que a produção acadêmica existente concentra-se principalmente nas áreas de história, antropologia e estudos culturais da imigração japonesa, havendo pouca ou nenhuma investigação que relacione tais discussões à produção e significação de espaços e materiais no design de ambientes. Com isso, evidencia a necessidade de ampliar narrativas através de signos empregados na produção de espaços perduráveis, dando destaque a memórias negligenciadas, fortalecendo o pertencimento e valorizando a cultura por meio de um olhar afetivo, representativo e sensível.

1.1 Raízes da heranças japonesa-brasileira

Referir-se à raízes e ancestralidade no contexto contemporâneo do século XXI parece tratar de algo distante na realidade brasileira. O afastamento das origens e da história dos antepassados anda lado a lado com o apagamento de culturas, saberes e valores. Esse processo se intensifica diante de uma humanidade homogênea, que impõe padrões do que é considerado normal ou aceitável, decretando de forma silenciosa o que é certo e o que é estranho. Como afirma Ailton Krenak (2019), esse olhar naturaliza o fim das singularidades alimentando um vício coletivo de uma suposta subjetividade moldada por aquilo que dizem que devem ser e pensar.

Entre os oceanos Pacífico e Atlântico, mais de 15 mil quilômetros separam o Japão e o Brasil: dois países marcados por múltiplas diferenças que vão desde a geografia, ao idioma e suas manifestações. Entretanto, em 1908, as histórias de japoneses e brasileiros começaram a ser moldadas em conjunto. No dia 28 de abril, partindo do porto da cidade de *Kōbe*, 781 imigrantes japoneses embarcaram em uma viagem de navio de mais de cinquenta dias rumo ao Brasil, movidos pela esperança de um novo começo. No dia 18 de junho, o *Kasato Maru* atracou no cais de Santos (SP), trazendo consigo não apenas passageiros, mas a jornada por melhores condições de vida, iniciando

³ *Nikkei* é um termo em japonês usado para os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou que vivem fora.

⁴ Esse dado sobre a população nipo-brasileira está disponível na mensagem do embaixador do Japão no Brasil em comemoração aos 117 anos da imigração japonesa. Disponível em: https://www.br.emb-japan.go.jp/itpr_pt/ano-intercambio-amizade-jp-br-mensagem.html. Acesso em: 29 jun 2025.



assim, oficialmente, a imigração japonesa no Brasil (Bunkyo - Associação Cultural de Mogi das Cruzes, 2019; Museu da Imigração Japonesa).

Durante 50 dias de viagem partindo do Japão, chegaram ao Brasil centenas de famílias, vidas, histórias, sonhos e medos. Os imigrantes japoneses alimentavam o sonho de prosperar como *dekassegui*⁵, acreditando que em poucos anos retornariam para a terra natal. Contudo, ao chegarem, foram direcionados, principalmente, às lavouras de café do sudeste brasileiro e submetidos a condições de trabalho extremamente precárias, salários baixos e dívidas que os prendiam às fazendas. A dura rotina agrícola, somada às barreiras culturais, linguísticas e climáticas, revelou uma sofrida realidade no paraíso tropical. Dessa forma, a união comunitária e a formação de colônias tornaram-se fundamentais para a preservação da cultura japonesa e para a construção de estratégias de sobrevivência e autonomia. Expressando tanto no cultivo de costumes e idioma japonês, mas também na manutenção de objetos e ritos que resgatavam a memória de suas origens (Bunkyo - Associação Cultural de Mogi das Cruzes, 2019; Ennes, 2000; Ishikawa, 2008; Miyao, 2002).

Mesmo após conseguirem se estabelecer em colônias e com o aumento gradativo dos imigrantes no Brasil, essa população enfrentou uma forte discriminação social e, posteriormente, midiática. Nos registros encontrados destaca-se que, a partir da Era Vargas, com o avanço do nacionalismo autoritário e da Segunda Guerra Mundial, os nipo-brasileiros sofreram severas restrições culturais, perseguições e vigilância constante, sendo forçados ao silenciamento de sua língua e tradições. O discurso antinipônico e a disseminação do “perigo amarelo”, já no contexto da pandemia do COVID-19, reforçaram a exclusão, cujos reflexos ainda ecoam no imaginário enraizado do brasileiro, expressado em micro agressões e distanciamentos. Ainda assim, com resiliência e organização, os japoneses e seus descendentes enraizaram-se no Brasil, transformando a dor da migração em parte essencial de sua identidade coletiva atual (Bunkyo - Associação Cultural de Mogi das Cruzes, 2019; Museu da Imigração Japonesa; Takeuchi, 2008; Tokusatsu, 2022; Santos, 2018; Wolfart, 2024). Mas, que identidade é esta? Quais elementos compõem essa colcha de retalhos? Na atualidade, seria possível tangibilizar tantas sensações? Como um ambiente efêmero seria capaz de, simultaneamente, explorar e conscientizar sobre tantas questões identitárias? Foram perguntas como estas que, além de motivarem a presente pesquisa, orientam os tópicos a seguir, transitando da sensibilidade à produção cenográfica, passando pela estética (ou não estética?) que paira no imaginário (ou seria em pré-conceitos?) ocidental.

1.2 Sensibilidade do design e memórias

Após compreender a história da formação da comunidade nipo-brasileira, torna-se essencial refletir sobre os modos de expressar essa multiplicidade de vivências e a identidade que delas emerge. A identidade, nesse contexto, não é algo fixo, muito menos único, mas uma concentração de afetividades simbólicas (Didi-Huberman, 2016). Ao abordar essa construção identitária, é inevitável tratar da emoção, uma experiência intensa e na maioria das vezes intangível, inodora e silenciosa. A partir disso, a construção e a compreensão do sensível e da subjetividade contribuem para a formação da identidade e sua eterna transformação (Didi-Huberman, 2016).

É nesse ponto que o design de ambientes e os conceitos estéticos associados tornam-se abordagens fundamentais. Por meio deles, é possível não apenas comunicar, mas também evocar emoções, sensibilidades e memórias. O design de ambientes tem como base o projetar para o ser humano, partindo de uma análise do objetivo e da subjetividade. Buscando por meio de uma exploração multidisciplinar, o designer aprofunda na relação entre as pessoas e os espaços, capturando relances das memórias e afetividade, juntamente com um teor técnico de funcionalidade e outros aspectos referentes ao projeto. Assim, essa área atua como uma resposta social, solucionando para além da

⁵ *Dekassegui* pessoas que saem da terra natal para trabalhar temporariamente e voltarem após acúmulo de capital.



materialidade muitas vezes tangibilizada em lugares, mas sim, em ambientes significativos, resultados de um mergulho no interpessoal e nos sentimentos de conexão e identificação (Abreu, 2015; Schneider, 2010).

Dessa forma, fica claro que o papel do designer de ambientes é o encontro da técnica com a interpretação subjetiva humana e diversos aspectos da experiência humana. Ao compreender a relação entre indivíduo, cultura, material e espaço, o design passa a comunicar memória e sensibilidade. Potencializando, a configuração de uma linguagem visual e simbólica que desperta sensações, emoções e vínculos com quem interage (Abreu; Pessôa; Sales, 2025). Nesse sentido, torna-se fundamental explorar os conceitos de estética e percepção humana entendendo com mais intencionalidade do projetar em relação às experiências humanas.

A estética manifesta-se tanto nas dimensões racionais quanto nas emocionais dos seres humanos, por meio da cognição e da subjetividade, refletindo-se nas interpretações sensoriais e simbólicas da experiência. Para além do entendimento individual de cada sujeito, a estética relaciona-se às sensações despertadas pelos estímulos percebidos pelos sentidos humanos, cuja intensidade pode variar de acordo com a forma como esses estímulos são interpretados (Costa, 2021). Essas múltiplas camadas de compreensão emergem a partir da percepção, isto é, da forma como os indivíduos interpretam os estímulos do ambiente. Nesse processo, a experiência individual, desde os primeiros contatos visuais na infância até as influências cognitivas e culturais adquiridas ao longo da vida, desempenha papel fundamental na maneira como as informações são interpretadas e como as mensagens transmitidas pela composição de um ambiente são compreendidas (Dondis, 1997).

Portanto, é indiscutível que a estética e a percepção são dois conceitos inseparáveis do design de ambientes. De um lado, compreender como os aspectos cognitivos e subjetivos dos humanos reagem aos estímulos do ambiente, de outro, a interpretação e a criação de significado que aquele ambiente transmite de forma direta e indiretamente (Abreu, 2015; Bahia, 2024). Acerca dessa construção de ambientes destaca-se, portanto, a proposta cenográfica e novas formas de compreender a estética que resume uma cultura, como a nipônica.

1.3 Produção cenográfica e memória permanente

Quando se fala em produção cenográfica, em especial, efêmera é entendido segundo o dicionário Michaelis: “que é temporário; passageiro, transitório”. Dessa forma, carrega em si, o desaparecimento, uma presença que caminhará para o fim. Sendo um tipo de projeto marcado por uma existência vulnerável, mas com um peso claro e objetivo da comunicação (Rennó; Almeida; Dias, 2024).

Por sua vez, a memória carrega o peso da perpetuidade, isto é, associada com a longa conservação e cultivo de múltiplos aspectos que a constituem. Assim, é intrínseca no movimento constante de encontro da individualidade e do coletivo de um grupo, comunidade e sociedade. Junto com a investigação e preservação da história, a construção de uma identidade é baseada nesse conjunto, mesmo que não de forma consciente para os indivíduos (Chagastelles, 2012; Rennó; Almeida; Dias, 2024).

Ao abordar sobre a memória, ainda mais tratando no contexto deste trabalho sobre uma comunidade, é inevitável recorrer à discussão de memória coletiva. Pode-se compreender a memória coletiva como uma manifestação social, em que as lembranças individuais estão conectadas com o grupo que pertence. É claro que existe a individualidade, entretanto, o construir do indivíduo é ligado com a sua estrutura social e constantemente ativada e reforçada pelas trocas, referências e convivência com o outro (Halbwachs, 1990).

É possível interpretar que a memória coletiva é fruto de uma construção social e não apenas uma junção de memórias individuais. Está em movimento contínuo de manutenção, pois resiste pelo espaço, objetos, tempo e trocas do cotidiano. Com isso, em uma percepção superficial, é paradoxal, à primeira vista, o uso da efemeridade em um projeto cenográfico que busca comunicar a carga



emocional da memória por trás da construção da comunidade nipo-brasileira. Porém, sua limitação temporal pode ser usada como um elemento favorável à mensagem, principalmente por trazer um tom de impacto e intensificação da urgência e emoção. Criando um espaço que contribui para a expressão da memória coletiva dentro da óptica do espectador e dá abertura para despertar sentimentos junto com questionamentos. Assim, o projeto é efêmero fisicamente, mas permanece na memória (Rennó; Almeida; Dias, 2024).

Para transmitir as sensações desejadas no projeto cenográfico, o uso de elementos visuais com intencionalidade é fundamental para a comunicar significados e criar uma composição para além do visual, mas de forma que deixe marcas profundas nas pessoas. Os objetos, formas, cores e outras informações que compõem uma ambientação carregam narrativas. Conforme aponta Halbwachs (1990, p. 92): “de fato, as formas dos objetos que nos cercam têm muito essa significação. Não estávamos errados ao dizer que estão em torno de nós como uma sociedade muda e imóvel”. Assim, os elementos se tornam signos visíveis das emoções por trás da sua presença.

Na visão de Charles Peirce (2005), a semiótica é a ciência pautada na lógica formal da comunicação, abrangendo o estudo dos signos que são a representação de algo para alguém. Porém, assim como a maioria das interpretações, os signos não são isolados. A teoria peirceana, é sustentada em cima de três princípios: o fundamento (ou *representamen*), o objeto e o interpretante. Dessarte, a semiótica visa que a comunicação seja baseada nos significados e a forma de transmissão da mensagem por meio dos signos até o receptor. Por mais que pareça linear, é um processo contínuo na criação de sentido e na elaboração de mais e mais signos para a interpretação (Fidalgo; Gradim, 2005; Peirce, 2005). Além disso, o signo pode ser classificado em três tipos: a) Ícone: signo que se assemelha ao objeto por meio de semelhança e/ou lembrança (Fidalgo; Gradim, 2005; Peirce, 2005); b) Índice: signo que se conecta ao objeto por uma relação de causa, sendo afetado diretamente por ele (Fidalgo; Gradim, 2005; Peirce, 2005); c) Símbolo: signo que se relaciona ao objeto por convenções sociais ou culturais, cujo significado está intrínseco no coletivo (Fidalgo; Gradim, 2005; Peirce, 2005).

Portanto, compreender a construção semiótica ajuda a pensar na forma de projetar um espaço cenográfico que comunique efetivamente a história, a identidade, as emoções e dê abertura para as narrativas sensíveis individuais. Tudo isso, expressada pelo uso dos signos, ancorado no olhar da estética e percepção, como manifestação de significados que tocam na memória coletiva da comunidade nipo-brasileira.

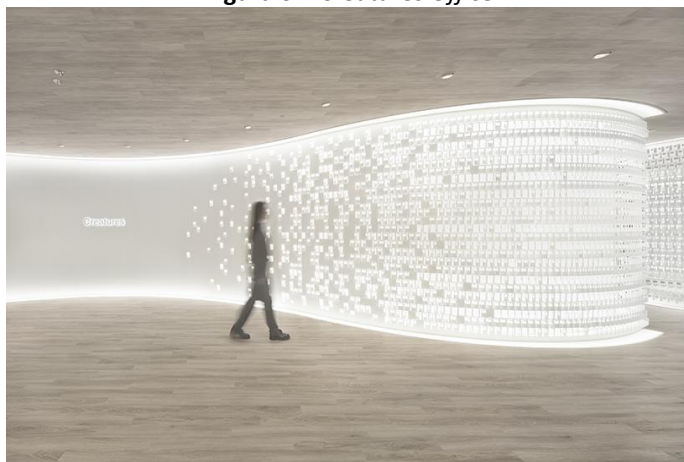
1.4 A não estética japonesa

De modo a elencar e ilustrar exemplos da aplicação coerente dos signos nos ambientes buscou-se exemplos de profissionais japoneses e nipo-brasileiros na cenografia e no design, destacando obras que enriquecem o repertório visual e conceitual da pesquisa. Mais do que referências, esses trabalhos revelam a diversidade e a força criativa da comunidade nipônica, rompendo com estereótipos ocidentais. A proposta afasta-se de padrões óbvios ligados à cultura japonesa para enfatizar suas múltiplas facetas e complexidades. Assim, delinea-se uma “não estética japonesa”, entendida como afirmação da singularidade e profundidade criativa além de qualquer rótulo.

Nesse contexto, destaca-se algumas obras análogas que transcendem do estereótipo: O *Creatures Office* da Nendo Inc. (2023), ver Figura 01, que mostra como elementos populares, nesse caso cartas de *Pokémon*, podem ser ressignificados em experiências espaciais. O projeto do escritório da *Creatures Inc.* foi concebido com chapas de aço curvas distribuídas ao longo do percurso e nas divisórias do escritório, contendo recortes no formato das cartas de *Pokémon*, dobradas em diferentes ângulos para criar textura e conduzir o olhar dos usuários pelo espaço. Dessa forma, o projeto se destaca por reinterpretar um elemento icônico da cultura do jogo de maneira não literal, criando um ambiente dinâmico que estimula a curiosidade, a interação e a circulação dos usuários (Nendo, 2023).



Figura 01: *Creatures Office*



Fonte: Nendo, 2023.

Outro bom exemplo é a *Japan House São Paulo*, ver Figura 02, projetada por Kengo Kuma, que integra herança cultural e inovação em arquitetura. A fachada do edifício é composta por ripas de pinheiro japonês uma das árvores mais sagradas do país, chamado *hinoki*, montadas com encaixes como a técnica tradicional de carpintaria (*Japan House São Paulo*, 2024).

Ademais destaca-se a programação cultural, que trazem em suas exposições um novo olhar da arte e produção japonesa. Esse centro cultural tem como objetivo transmitir a cultura nipônica com a exploração do Japão contemporâneo em diversos aspectos para o mundo. No Brasil, a JHSP apresenta programações efêmeras que atravessam as áreas da tecnologia, moda, arte, design, gastronomia, arquitetura e a mescla com a tradição de forma não convencional.

Figura 02: Prédio *Japan House São Paulo*



Fonte: *Japan House São Paulo*, 2024.

Por fim, a exposição *A Realidade Máxima das Coisas* (Klintowitz, 2024), ver Figura 03, evidencia a potência criativa dos nipo-brasileiros em diálogo com o contexto tropical. Em 2024, na Galeria Frente (São Paulo) foi realizada essa exposição coletiva que reuniu onze artistas nipo-brasileiros sob curadoria de Jacob Klintowitz. Com o objetivo de mesclar a arte entre o tradicional japonês com as heranças da cultura brasileira. A mostra destacou a multiplicidade e a riqueza das expressões dessa comunidade,



desafiando a percepção externa que frequentemente resume a diversidade nikkei a uma visão homogênea. Por isso, o título contrapõe “a realidade mínima das coisas” com “a realidade máxima das coisas”, refletindo uma arte expandida, sensível e perceptiva (Klintowitz, 2024).

Figura 03: A realidade máxima das coisas



Fonte: Klintowitz, 2024.

Esses exemplos supracitados são marcados pela pluralidade e pela profundidade identitária do que se refere como japonês e/ou nipo-brasileiro. Dessa maneira, o capítulo traz como título “a não estética japonesa”, para indagar o olhar para manifestações que extrapolam os clichês e do que é rotulado na visão limitada da cultura, revelando uma riqueza cultural que valoriza o imperfeito, o transitório e o subjetivo. Essa abordagem estética convida a uma percepção sensível e acolhedora, capaz de refletir as complexas experiências da comunidade nipo-brasileira, fugindo de estereótipos simplistas e celebrando a singularidade de suas narrativas.

2. Metodologia

O presente estudo explora a conexão dos sentimentos que permeiam as vivências da comunidade nipo-brasileira com a contribuição do design de ambientes, com ênfase no campo da cenografia. Trata-se, portanto, de um estudo inserido nas ciências sociais aplicadas e assume uma abordagem qualitativa, uma vez que fundamenta na interpretação da percepção humana, valorizando a subjetividade (Minayo, 2002; Stake, 2011).

Diante do objetivo geral de explorar a correlação entre a carga emocional e histórica da comunidade nipo-brasileira por meio de signos e narrativas sensoriais no design cenográfico, entende-se a necessidade da aproximação sensível e atenciosa à memória dos nipônicos. Assim, adotou-se a história oral, como apoio na metodologia qualitativa, permitindo um aprofundamento na investigação dos sentimentos e proporcionando uma escuta empática das vivências.

Essa abordagem qualitativa é, portanto, intrinsecamente sustentada no método dialético. A perspectiva dialética permite compreender os fenômenos sociais explorando a inter-relação do sujeito com múltiplos aspectos políticos, econômicos, culturais, históricos e temporais (Lakatos; Marconi,



1992; Gil, 2008). Assim, entende-se que os sentimentos e experiências só fazem sentido quando observados em relação com o contexto mais amplo em que estão inseridos.

Desse modo, o processo analítico não se limita à descrição das falas, mas envolve o exercício da interpretação, entendendo os aspectos subjetivos que envolvem as vivências e a forma de relação como a temática abordada (Portugal; Hagge, 2023). Essa abordagem permitiu captar significados e sentimentos ocultos, contribuindo para uma compreensão mais densa e integrada dos sentimentos e memórias da comunidade nipo-brasileira, partindo do contexto que abrange a comunidade para sintetização dos signos que alimentarão o projeto cenográfico.

3. Resultados

A investigação sobre a comunidade nipo-brasileira buscou compreender como a memória coletiva, atravessada por experiências familiares e sociais, influencia a construção da identidade. As entrevistas realizadas com descendentes de diferentes gerações revelaram camadas de pertencimento e deslocamento. Assim, sobre as entrevistas, destacam-se os temas chaves: 1) Confusão identitária; 2) Micro agressões e estereótipos; 3) Impacto da pandemia; 4) Memórias familiares; 5) Casa; 6) Sentimentos. De forma geral, os relatos abordaram questões relacionadas às origens, memória, pertencimento, cultura e os sentimentos que permeiam a vivência da comunidade nipo-brasileira. Relatos estes que direcionarão o desenvolvimento de uma ambientação sensível capaz de impactar os visitantes por meio de signos capazes de traduzir essas sensações.

O primeiro tema de destaque foi a **confusão identitária**, a partir das entrevistas ficou evidente que há um grande desafio na identificação de suas origens e cultura, tendo a constante sensação de estarem “entre dois mundos”. Embora todos os entrevistados sejam registrados e reconhecidos como cidadãos brasileiros, e a maioria tenha nascido no Brasil, a forte presença da fisionomia amarela e os costumes diferentes daqueles que não compartilham essa característica geram uma grande confusão mental sobre sua identidade. Além da sociedade muitas vezes taxarem como japoneses e não reconhecerem como brasileiros de fato, expressando a dificuldade em se identificarem com plenitude sobre o quem são e onde pertencem. Assim como signo representativo, o navio que é representado tanto como objeto síntese da imigração japonesa, mas conectando com o cenário atual ganha uma nova conotação de travessia de culturas, deslocamento e instabilidade do que se identifica.

Outro ponto abordado é sobre as **micro agressões e estereótipos**, a mascaração social de piadas com teor discriminatório e estereotipização de um padrão perfeito da minoria modelo, intensificando a pressão e estigmas de invalidação da individualidade. Os entrevistados destacaram o incômodo das frequentes piadas com teor xenofóbico, sobre a aparência e idioma, sexualização racial, encaradas de estranhamento e outras múltiplas “sutilezas” disfarçadas de curiosidade. Além disso, a vivência dessa comunidade é marcada por um grande estereótipo, projetado pela sociedade sobre visões de inteligência e comportamentos. Limitando dentro de uma minoria modelo e até mesmo o tratamento de unidade entre os países do leste asiático. Dessa forma, essa redução das pessoas, gera uma quebra de expectativas resultando em uma invalidação da singularidade. Como signo o origami reforça a complexidade e delicadeza das experiências da comunidade diante das micro agressões e estereótipos. Assim como o origami precisa de dobraduras precisas para se formar, a identidade nipo-brasileira é moldada por camadas de expectativa, adaptação e resistência, tornando-se ao mesmo tempo resiliente e sensível às pressões externas. E sendo muito além do que mostra na imagem final.

Associado com esse tópico, o **impacto da pandemia** foi outra questão levantada nas falas dos nipo-brasileiros como momento de conscientização e validação dos sentimentos de incômodos que antes eram silenciados. Principalmente, por notarem que as micro agressões passaram do cenário verbal e tons de “brincadeira” para agressões físicas, perseguições e mortes explícitas por serem



amarelos. Visto que o estereótipo foi reforçado, tendo muitas associações preconceituosas do país de origem do coronavírus com a etnia das pessoas. Assim, expondo feridas de sofrimento e racismo que fortaleceram no levantamento de pautas nas redes sociais, aproximando a comunidade de discussões antes negligenciadas. Dessa forma, assim como o signo da pandemia de 2020, a máscara cirúrgica ressalta como elemento de proteção e isolamento, remetendo à invisibilidade e à vulnerabilidade, mostrando como os nipo-brasileiros tiveram que se resguardar diante de olhares, comentários e ataques raciais intensificados.

Apesar desse lado mais sombrio do estigma imposto, as entrevistas revelaram um carinho ao retratar as **memórias familiares**. O contato com a cultura japonesa por meio da família, tratado pelos entrevistados em diferentes escalas, foi descrito com particularidades que se conectam na fala de todos. Desde o uso de alguns termos em japonês misturado com a língua portuguesa nas conversas cotidianas, a presença de nomes japoneses para além dos sobrenomes, a continuidade de tradições como tirar os sapatos ao entrar em casa, participação em associações nipo-brasileiras e, principalmente, a culinária. A afetividade com a comida é o mais reforçado, expandindo do conhecimento popularmente no Brasil como comida japonesa, o retratado são a presença do cheiro e sabor do missoshiro⁶ e karê⁷ em dias de frio, o gohan⁸ de todos os dias, sushi⁹ sem peixe cru junto com churrasco em comemorações e o moti¹⁰ como a primeira refeição do ano, sendo signos marcantes e afetivos.

Em conjunto com essas memórias, outro elemento se mostrou como a sintetização da comunidade: a **casa**. Ao refletir sobre o encontro com a cultura, a casa era abordada com o espaço de conexão e conforto, onde há a explosão da expressividade cultural nipo-brasileira. Com o aroma e sabores da comida e temperos, com o tato das texturas de madeira do *hashi*¹¹, da cerâmica do *chawan*¹², com os ecos dos *enkas*¹³ e diálogos que misturam o português com japonês e por fim, com a visão de fotos que carregam histórias e calendários enormes que marcam o tempo vivido.

Concluindo, os relatos podem ser traduzidas como a manifestação de **sentimentos** dos nipo-brasileiros que não se resumem a um único, e sim nas múltiplas camadas de emoções e percepções. Uma mistura de sentimentos que vão do privilégio ao desafiador, onde a diferença cultural e o não pertencimento coexistem com o orgulho pela herança, resultando em uma identidade singular, complexa e em constante negociação entre memórias, tradições e vivências cotidianas. De forma geral, os relatos abordaram questões relacionadas às origens, memória, pertencimento, cultura e os sentimentos que permeiam a vivência da comunidade nipo-brasileira. Relatos estes que direcionarão o desenvolvimento de uma ambientação sensível capaz de impactar os visitantes por meio de signos, ver Figura 04, capazes de traduzir essas sensações.

Figura 04: moodboard de signos

⁶ *missoshiro* sopa de missô, que é uma pasta de soja fermentada.

⁷ *karê* ensopado de curry com legumes

⁸ *gohan* significa refeição, mas também é usado para referir a arroz cozido.

⁹ *sushi* arroz temperado com vinagre e açúcar, enrolado na alga nori e recheado.

¹⁰ *moti* bolinho de arroz glutinoso

¹¹ *hashi* varetas utilizadas como talheres na ásia

¹² *chawan* tigela japonesa, usado geralmente para chá.

¹³ *enkas* gênero musical japonês



Fonte: Autora, 2025.

Assim, a partir da análise das entrevistas, compreendendo para além da fala mas a história, sentimentos e contextos que envolvem a construção dessas vivências, entende-se que a comunidade nipo-brasileira apresenta uma complexidade e riqueza na formação da sua identidade. Chegando, na síntese de uma cultura material que traz a conexão com a memória coletiva e reforça a resistência de uma herança que mescla o elo do passado e presente, do Brasil e do Japão. Dessa forma, foi criado um *moodboard* que reúne signos coletados da fala e da pesquisa bibliográfica, traduzindo a afetividade e elementos que permeiam a comunidade, essencial para o papel do design de captar e expressar a imersão nos sentimentos.

4. Discussões

Sentimentos confusos, silenciados, mal compreendidos, mas profundamente enraizados, revelaram-se nas entrevistas como respostas significativas para a construção de uma identidade pessoal e coletiva. Esses relatos se tornaram um espaço de escuta e expressão das vozes internas e da memória narrativa de suas famílias, reforçando temas discutidos no referencial teórico e sendo, o brilho do trabalho de conclusão de curso e, portanto, o destaque deste artigo, por transmitirem sensações, afetos e uma riqueza imensurável de informações. Ao escutar cada percepção sobre o que é ser brasileiro e sobre suas vivências, compreende-se que a identidade nipo-brasileira está longe de ser fixa ou encaixada em uma definição única. Ela é, na verdade, a singularidade de cada pessoa, de cada trajetória, de cada realidade. É uma identidade moldável, em constante transformação, que se reinventa a cada geração, a cada memória resgatada, a cada sonho projetado. Assim, ao valorizar essas narrativas sensíveis e singulares, reafirma-se que a identidade é viva, móvel e profundamente humana.

5. Considerações Finais

Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender a história por trás da comunidade nipo-brasileira. Por meio do estudo dos motivos e das consequências da imigração japonesa para o Brasil, e do mergulho nas vivências desses 117 anos, foi possível ir além das fontes históricas documentais e



adentrar no campo das memórias, afetos e emoções que estruturam essa trajetória. Em conjunto de toda a história, e com a afirmação nas entrevistas, revelou uma complexidade subjetiva profunda: conflitos de identidade, apagamentos, resistências e conexões que ainda estão presentes na contemporaneidade que ganham ainda mais camadas.

Com grandeza de subjetividades, detalhamento cultural e elementos históricos, a integração com o olhar sensível do design de ambientes se tornou fundamental. Assim, a pesquisa crê na cenografia como uma linguagem capaz de comunicar e expressar as camadas emocionais da vivência *nikkei*, por meio da exploração do efêmero que resulta na memória permanente. Isso posto, como fruto desta pesquisa, e por conseguinte, do trabalho de conclusão de curso em questão, ter-se-á a realização de um projeto cenográfico. Este terá como foco transmitir visualmente e sensorialmente os sentimentos e temas emergentes, frutos desta pesquisa.

Sensitive Narratives: Design as an Expression of Japanese-Brazilian Identity

Abstract:

This article presents the partial results of a final undergraduate project in interior design, which proposes an investigation, through design, into the attributes and sensations of Japanese ancestry within the Japanese-Brazilian community. The research, grounded in the historical context of Japanese immigration to Brazil, aimed to understand how social, political, and economic developments, along with cultural reconfigurations, influenced the construction of nikkei generational identity. The theoretical framework analyzed the role of design as a transmitter of feelings across space and time. Accordingly, the methodology relied on a qualitative approach based on the dialectical method, with data collected through bibliographic and documentary research, as well as the analysis of analogous works. In addition, oral history was employed through semi-structured interviews. The results include reflections on the role of design as a potential agent of cultural valorization and a preliminary outline of how sensitive narratives permeating the community can be symbolized in scenographic spaces.

Keywords:

Environmental Design; japanese-brazilian identity; sensitive narratives; scenographic exhibition.

Referências

ABREU, Simone Maria Brandão Marques de. **Aspectos subjetivos relacionados ao design de ambientes: um desafio no processo projetual**. 2015. 160 p. Dissertação (Mestrado em Design), Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://anapaulanasta.com/wp-content/uploads/2015/09/DISSERTA%C3%87%C3%83O-SIMONE-M.B.MARQUES-DE-ABREU.pdf>.

Acesso em: 22 jun. 2025.

ABREU, Simone Maria Brandão Marques de; PESSÔA, Sâmela Suélen Martins Viana; SALES, Rosemary do Bom Conselho. O significado de Design de Ambientes: singularidade do humano frente a um cenário de transformações. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 139-154, 2025. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/2099>. Acesso em: 07 jul. 2025.



BAHIA, Isabella Pontello. **Design, ambiências e carnaval:** práticas e percepções nas ruas da cidade de Belo Horizonte - Brasil. 2024. 343 p. Tese (Doutorado em Design), Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

BUNKYO - ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE MOGI DAS CRUZES. **100 anos da imigração japonesa em Mogi das Cruzes.** Mogi das Cruzes: Murc, 2019. 202 p.

CHAGASTELLES, Gianne Maria Montedônio. Eternidade do efêmero: memória e vivência na arte contemporânea brasileira. **Revista de história comparada**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1. p. 24-63, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/48>. Acesso em: 02 jul. 2025.

COSTA, Humberto. **Estética e semiótica aplicada ao design.** Curitiba: Contentus, 2021. 120 p.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?.** Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2016. 72 p.

EMBAIXADA JAPONESA NO BRASIL. **História da imigração.** Brasília: Embaixada Japonesa no Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/110anos/110.html>. Acesso em: 10 maio 2025.

EMBAIXADA JAPONESA NO BRASIL. **Mensagem do embaixador.** Brasília: Embaixada Japonesa no Brasil, 2025. Disponível em: https://www.br.emb-japan.go.jp/itpr_pt/ano-intercambio-amizade-jp-br-mensagem.html. Acesso em: 29 jun. 2025.

ENNES, Marcelo Alario. **A construção de uma identidade inacabada:** nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo. São Paulo: Editora UNESP, 2001. 165 p.

FIDALGO, Antônio; GRADIM, Anabela. **Manual de semiótica.** Corvilhã: BOCC, 2005.

FORTE, Joana Margarida Parra. **Cenografia:** uma trança de muitos fios. 2017. 121 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Universidade da Beira Interior, Corvilhã, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto:** sistema de leitura visual da forma. 8. ed. rev. e ampl. São Paulo: Escrituras Editora, 2008. 122 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990. 133 p.

ISHIKAWA, Tatsuzô. **Sôbô:** uma saga da imigração japonesa. Cotia: Ateliê Editorial, 2008. 264 p.

JAPAN HOUSE SÃO PAULO. **Sobre a JHSP.** São Paulo: Japan House São Paulo, s.d. Disponível em: <https://japanhousesp.com.br/sobre-a-jhsp/>. Acesso em: 04 jul. 2025.

KLINTOWITZ, Jacob. **A realidade máxima das coisas.** São Paulo: Galeria Frente, 2024. 102 p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das letras, 2019. 85 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 1992.



MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. Cap. 1, p. 7 - 29.

MIYAO, Susumu. **Nipo-brasileiros**: processo de assimilação. Tradução de Katsunori Wakisaka. São Paulo: Centro de estudos nipo-brasileiros, 2002. 270 p.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO JAPONESA. MUSEU DA IMIGRAÇÃO JAPONESA, São Paulo, 19 jun 2025.

NENDO. Creatures office. Tokyo: Nendo, 2023. Disponível em: <https://www.nendo.jp/en/works/creatures-office/>. Acesso em: 04 jul. 2025.

PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 349 p.

PORTUGAL, Daniel B.; HAGGE, Wandyr. Subordinando o problema à interpretação: da abordagem informacional à hermenêutica nos estudos em design (com especial atenção aos anos 1973 e 1992). **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v.31, n.2. p. 110-127, 2023. Disponível em: <https://eed.emnuvens.com.br/design/article/viewFile/1713/568>. Acesso em: 10 maio 2025.

RENNÓ, Sílvia de Alencar; ALMEIDA, Marcelina das Graças de; DIAS, Maria Regina Álvares Correia. Existe o efêmero na memória? Existe memória no efêmero?: Reflexões a partir do evento Fête des Lumières em Lyon, França. **DAT Journal**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 34-50, 2024. Disponível em: <https://datjournal.anhembib.com.br/dat/article/view/794/602>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SANTOS, Rodrigo Luis dos. Contra o mal que vem do oriente: o discurso antinipônico no Brasil através das representações imagéticas. **Dominios da Imagem**, Londrina, v. 12, n. 22, p. 68-89, 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/35581/24731>. Acesso em: 30 jun. 2025.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011. 263p.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. Os tempos amargos da perseguição. **História Viva**: Japão 500 anos de história - 100 anos da imigração, São Paulo, v. 3, p. 39-45, 2008.

TOKUSATO, Letícia. Coronavírus: a nova variante do perigo amarelo. **Íandé - Ciências e Humanidades**, São Bernardo do Campo, v. 6, n. 1, p. 46-58, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/iande/article/view/565/435>. Acesso em: 30 jun, 2025.

WOLFART, Maico Cristiano. **Estereótipos contra ásiso-descendentes**: engajamento e resistência nas redes sociais. 2024, 86 p. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2024.